



>> Plágio nas teses/dissertações... e então o(s) orientador(es)?

Copy from one, it's plagiarism; copy from two, it's research.

(John Milton, escritor inglês, n.1608-m.1674, Iconoclastes, XXIII)

A university is what a college becomes when the faculty loses interest in the students.

(John Ciardi, poeta e escritor norte-americano, n.1916 - m. 1986)

Recentemente (Abril 2010) mais um caso de alegado plágio num doutoramento veio a público. Diversos órgãos de comunicação debruçaram-se extensivamente sobre o caso, mais ou menos explicitamente identificando a sua autora, à data, professora adjunta no Instituto Politécnico do Porto. Não obstante o processo estar ainda em fase de averiguações (cujo resultado estava datado para finais de Maio 2010) na Universidade do Minho, instituição que conferiu o grau em Dezembro de 2009, a então professora solicitou rescisão de contrato com a entidade empregadora (de imediato aceite pelos órgão directivos da mesma) em Maio de 2010.

Sempre que se ouve ou lê sobre o plágio fica-se com a nítida sensação que quem plagia são apenas (e sobretudo) os estudantes. Poucas são as notícias sobre esta prática entre professores. A inexistência de notícias não significa, infelizmente, que o fenómeno seja raro, muito pelo contrário... O que a falta de notícias em parte reflecte são os 'costumes' da academia que funciona, em regra, de uma forma colegial, arcaica e opaca, com severas limitações ao nível das práticas de auto-regulação e auto-monitorização no que respeita aos comportamentos desonestos entre os seus membros.

Não obstante considerar que plágio é, em si mesmo, um acto extremamente gravoso do ponto de vista académico, independentemente de quem o pratica, notícias de plágio por parte de professores são, no mínimo, lastimáveis e vergonhosas, descredibilizando todos aqueles (e são muitos) que se esforçam no seu dia-a-dia por transmitir e partilhar, de uma forma ética e empenhada, os seus conhecimentos.

Apesar de este (já longo) interlúdio, o propósito deste artigo não

era versar sobre quão danoso e gravoso é o plágio por parte dos professores (pois isso é por demais evidente) mas partilhar com os leitores uma perplexidade e/ou incompreensão que este caso (e outros similares) me suscita.

No conjunto das notícias que tive a oportunidade de ler em momento algum foram questionadas, ou simplesmente mencionadas, as práticas de orientação.

Enquanto docentes (e orientadores), "... os professores devem encorajar a aprendizagem autónoma dos seus estudantes, mantendo perante estes os mais elevados padrões académicos e éticos. Devem demonstrar respeito pelos seus estudantes enquanto indivíduos e manterem-se fiéis ao seu papel de orientadores e mentores intelectuais. Devem fazer todos os esforços possíveis para promover uma conduta académica honesta."¹

É inegável que o finalizar, em tempo útil, com a qualidade adequada e, portanto, livre de 'vícios', das dissertações/teses dependem, de forma não negligenciável, das práticas de orientação. De facto, como refere um estudo do Departamento de Educação, Ciência e Formação Australiano,² estilos de orientação 'livre', que deixam os candidatos 'à sua sorte', sem grande supervisão, tendem a estar associadas a maiores taxas de insucesso e de não conclusão, tempos mais longos de conclusão das teses e maior risco de incidência de práticas fraudulentas, nomeadamente plágio.

Excluindo um número (cada vez mais) reduzido de casos, em que os candidatos são à partida autónomos, organizados e cientificamente muito qualificados, a vasta maioria dos candidatos a 'doutores' não possuem (nem têm que possuir, no meu entender), no início do processo, os requisitos necessários para a conclusão de uma tese de doutoramento. Orientadores mais 'interventivos' reconhecem e aceitam esta situação e a sua abordagem tende a ser mais efectiva. Reuniões semanais/quinzenais para aferir o progresso ou bloqueios que naturalmente surgem no processo de realização de uma tese, com discussão e comentários atempados (por parte do orientador) dos relatórios efectuados pelos

1 Código de Ética Profissional da Associação dos Professores Universitários Norte-Americanos (in <http://www.aaup.org/AAUP/pubsres/policydocs/contents/statementonprofessionalethics.htm>).

2 Sinclair, M. The Pedagogy of 'Good' PhD Supervision: A National Cross-Disciplinary Investigation of PhD Supervision, Commonwealth of Australia, 2004.

candidatos tenderão a minimizar a incidência de plágio pois este é, em regra, e na eventualidade de surgir, detectado em fases embrionárias do processo, discutido entre orientador e orientando e, em geral, ultrapassado (pode, obviamente, originar cisões, mas se isso acontecer, tal irá no sentido de favorecer a integridade académica das partes envolvidas).

A confiança mútua fomentada por uma orientação mais próxima e regular, o diluir da 'pressão' associada à escrita da tese ao longo do processo e o evitar de 'sprints' finais são aspectos que contribuem, seguramente, para reduzir a incidência de práticas desonestas.

Sem pretensões de uma postura de (excessiva) reserva moral, enquanto docente e orientadora custa-me aceitar que um montante tão elevado de páginas alegadamente plagiadas (quase 100), o 'brasileirismo' do discurso da tese em causa (algumas das passagens do texto da tese são muito similares, para não dizer, iguais a uma tese defendida em 2005 na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) não tenham suscitado ao(s) orientador(es) suspeição/intervenção. Este último aspecto ('brasileirismo' por parte de uma nativa de Portugal) deveria igualmente ter constituído um 'sinal de alarme' suficientemente forte para quem supostamente analisou com o cuidado devido o manuscrito, ou seja, os arguentes (i.e., 'especialistas de reconhecido mérito' na área da tese).

Sem intuito de desculpabilizar algo que não é susceptível de desculpa - plágio por parte de um docente do ensino superior -, julgo que é importante ressaltar que esta prática não constitui em si mesma um acto meramente 'individual', não obstante ter sido praticada por um indivíduo. Na minha opinião, este é um processo 'colectivo', em que nenhum dos intervenientes (autora(?) da tese, orientadores, arguentes e escola) sai bem na 'fotografia'.

É expectável que neste caso, como em muitos outros em Portugal, a 'culpa morra solteira', para prejuízo do ensino e de quem neste, de forma ética e responsável, tenta dar o seu melhor contributo.